

Otimismo e cautela

Algumas das mais expressivas e lúcidas lideranças empresariais brasileiras reagiram à mudança desta semana no comando da economia com um misto de otimismo e cautela. Embora tenham na polidez outra característica comum, sua postura vai além de um mero gesto de cortesia em relação àqueles que deixam os altos cargos, assim como o comedimento diante dos novos titulares manifesta mais que a pura discrição. As pessoas que assim agem sabem que a rotina dos governos, ainda que parcialmente transcorrida em palácios, é muito mais complexa que nos contos de fadas ou nos romances de capa e espada. O passado recente não foi difícil devido à ação de seres perversos, nem o futuro será brilhante graças à entrada em cena de um mago sereno.

Nos domínios da vida real, nem todo o sacrifício foi em vão, nem todas as possibilidades atraentes do futuro hão de se concretizar. Disto sabem estes senhores. E por sabê-lo, por vezes parecem viver em outro país, ou pelo menos andar na contramão. Pelo mesmo motivo repreendem sutilmente seus pares que demonstram um pouco de comedida disposição de fazer tábula rasa dos últimos 14 meses e de retomar suas atividades segundo padrões que lhes parecem mais favoráveis.

As mentes mais esclarecidas reconhecem que as elites nacionais não rejeitam inteiramente, na prática, a idéia de "levar vantagem em tudo" e raramente deixam de montar o "cavalo que passa encilhado", ainda que não lhes pertença. A moderação é importante em relação ao passado, mas fundamental no que diz respeito ao futuro. Ao que tudo indica, as

relações entre o Estado e a sociedade civil deverão entrar em fase de distensão. Sob as novas condições, crescem as responsabilidades dos interlocutores do Governo, que não podem ver na negociação apenas a oportunidade de fazer valer seus interesses particulares.

O conhecimento das concepções do novo ministro permite que se suponha a adoção, em breve, de uma série de medidas, inclusive o fim do congelamento de preços. Apostar nisso, retendo estoques para, em seguida, vendê-los com preços substancialmente elevados, para citar apenas um exemplo, seria desastroso política e economicamente, pois daria um novo alento à inflação, ao mesmo tempo em que reabilita o próprio congelamento perante a opinião pública. Raciocínio semelhante se poderia fazer em relação ao câmbio e a outros aspectos da política econômica.

O País está obviamente longe da desejável estabilidade econômica (e também administrativa, jurídica e social), mas indiscutivelmente superou a fase crítica em que se encontrava no início do atual Governo. Com a mudança ministerial, abre-se uma nova etapa política, sob o signo do pragmatismo. Abre-se, também, o espaço de negociação entre as diversas e, muitas vezes, contraditórias forças sociais. Os representantes de tais forças, entretanto, deverão ter sabedoria suficiente para entender que seus interesses específicos não se confundem com os do conjunto da Nação e que estes conformam uma equação que não comporta a exclusão pura e simples de alguns elementos. Na história como na álgebra, jamais se chega a bom termo por meio de expedientes.